

Nome: Maurício Barbosa de Lima

Informações da Escola:

Nome da Escola: Creche Pequeno Príncipe

Cidade: Cabedelo

UF: PB

Informações do Projeto:

Categoria: (TEMA LIVRE) Educação Infantil

Projeto: Jogos corporais na educação infantil: preenchendo o espaço com movimentos criativos

RESUMO: Ao entrar na sala vemos uma criança brincando. Ela calça os sapatos da educadora, maior que seus pés, segura um livro e imita os “gestos de adulto”. Ela imagina ser o personagem imitado, transforma o espaço a sua volta por meio de seu potencial criativo. Isso é possível por meio da brincadeira entre o corpo e o espaço. A imaginação possibilita a criança a experienciar outros “corpos” dentro do seu corpo, outros “espaços” dentro de um mesmo espaço. O educador pode participar desta brincadeira como participante e estimulador. Deslocamos a proposta de Jogos Corporais, desenvolvida pela pesquisadora brasileira Angel Vianna, para o ensino infantil, a fim de potencializar a exploração de movimentos corporais enquanto se brinca. Este relato de experiência surge a partir de aulas com criança, de dois a quatro anos, em uma creche no município de Cabedelo (PB). Durante estas aulas, o arte-educador ultrapassa sua função de montar “dançinhas” ou “peçinhas” para serem apresentadas na culminância de determinado projeto. O profissional aparece em cena como um estimulador de movimentos, relacionando corpoespaço imaginação. A transmissão de coreografias pré-montadas é suspensa para que os músculos, os ossos, a cabeça, os olhos, dedos, pele... dancem a sua forma. O educador, por sua vez, convida as crianças para imitar “o gigante da montanha”, “o sapo cururu”, “o senhor rato”, “a dona baratinha”. Tintas coloridas também participam da brincadeira, transformando o corpo em um pincel. Um papel em branco no chão da sala é preenchido com cores que se misturam. Mãos, pés, costas, cotovelos, bochecha se relacionando com a tinta, dançando junto com o papel. Diferentes dinâmicas de movimentos são vivenciadas enquanto o jogo acontece. Jogo que não tem a intenção de decorar passos para serem apresentados; jogo que tem como principal foco o ato de brincar. Durante esta brincadeira dois fatores são fundamentais: a participação e a disponibilidade. Os Jogos Corporais permitem que o professor faça parte da brincadeira, todos são participantes,

todos podem sugerir mudanças no jogo. À medida que este vínculo afetivo entre educador e crianças se estabelece, os corpos se disponibilizam para novos desafios. Crianças no pátio gritam de alegria para que a aula comece. Talvez aquele grito queira dizer: “começa logo, estou disponível para jogar”.

JUSTIFICATIVA: Quando comecei a ministrar aulas para crianças, percebi uma rotina diferente da que estava acostumado. Minhas experiências anteriores, enquanto educador de artes, eram com o Fundamental II. Na primeira vez que vi as crianças elas não estavam sentadas uma atrás das outras, em cadeiras enfileiradas. Percebi que deveria elaborar uma dinâmica diferente de aula. Não teria exercícios de fixação e nem elaboração de provas discursivas e/ou objetivas. Andando pelos corredores da creche encontrei um enorme pátio. Encontrei espaço. Espaço, uma palavra quase escassa em muitas instituições de ensino. Frequentemente, só usamos o verbete em frases como: “na escola falta espaço.” Temos muros, grades, portas, cadeiras, mas não são todas as escolas que tem um espaço amplo sem divisórias, sem colunas. É quase um luxo ter um pátio para desenvolver atividades relacionadas a exploração de movimentos corporais. Aquele pátio da creche deveria ser aproveitado durante as aulas de artes. Como fiz minha graduação em teatro, encontrei um amplo espaço físico para explorar movimentos corporais. Investigação que era difícil no ensino fundamental II, pois não tínhamos “espaço” para isso. No máximo afastava as cadeiras, porém as salas apertadas cediam pouquíssimo espaço, mesmo com as cadeiras empilhadas. Com o pátio da creche poderia, agora, dinamizar as aulas por meio de uma prática artística que tinha desejo para explorar: Jogos Corporais. Tal prática surge neste trabalho como um eixo temático que irá agrupar vários conteúdos e atravessar as áreas artísticas. Investigar diferentes maneiras de se mover seria ser o fio condutor para que as aulas de artes se desenvolvessem. Chamamos para dialogar com este trabalho, a fim de potencializar nossa investigação, a proposta de Jogos Corporais desenvolvida pela pesquisadora brasileira Angel Vianna. Tais jogos utilizam como base a exploração da movimentação corporal. Porém, tal exploração não se restringe a um vocabulário de passos previamente elaborados e que serão repetidos pelas crianças buscando o aperfeiçoamento. Angel não encarava a dança a partir de uma técnica específica, mas tinha como foco investigar diferentes formas de mover as articulações, os músculos, a estrutura óssea ao se relacionar criativamente com o espaço em sua volta. Inicialmente a dançarina citada nomeou os Jogos Corporais de “Preencher o espaço vazio”. Mas preencher com o que? Com movimentos criativos produzidos por um corpo que se relaciona consigo mesmo e com o espaço sem estar necessariamente seguindo uma técnica de dança. O principal objetivo dos Jogos Corporais não é “sintonizar” o corpo a partir de um vocabulário de movimentos pré-elaborados, mas direcionar, com estímulos diretos, um autoconhecimento corporal para que cada um descubra, por si só, todas as suas possibilidades. Desta forma, o arte-educador ultrapassa o ofício de apenas

montar “dancinhas” ou “pecinhas” para serem apresentadas na culminância de um projeto. Isso porque em muitas instituições de ensino a arte é caracterizada a partir de uma ótica instrumental, servindo como recurso didático ou uma atividade lúdica para ajudar a assimilação dos conteúdos de outras disciplinas. Diferentemente, os Jogos Corporais nos permite perceber que a arte vai além de uma prática de montagem. Dialogando com a fazer artístico de Angel Vianna podemos afirmar que o educador, ao invés de apenas transmitir uma técnica ou uma sequência de passos, passa a sugerir atividades para que a criança encontre harmonia entre seu corpo e o ambiente no qual está inserido. Nos jogos corporais, por sua vez, temos o compromisso com as regras. Regras que são apresentadas pelo educador como estímulo para que a exploração de movimentos corporais se inicie. As regras podem também ser entendidas como sugestões para que a criança se interesse pela atividade. Neste processo os movimentos corporais são estimulados por jogos que permitem a criança a se relacionar com o espaço e com o seu próprio corpo. Tintas, músicas, papéis, imitação de personagens não são usados para desenvolver uma técnica específica, mas para permitir que a criança participe da aula com todos os membros e faculdades de seu corpo. E qual seria a contribuição dos Jogos Corporais para o ensino infantil? Inicialmente é preciso identificar qual o conceito de criança que estamos nos relacionando. De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a criança é um ser social e histórico; marca e é marcada pelo meio social no qual está inserida. É por meio da brincadeira que elas apresentam seus anseios e desejos.

CONTEXTO: A creche está localizada no centro da cidade de Cabedelo (PB). Atualmente atende a 61 crianças, distribuídas em três salas de aula: 20 crianças no Infantil III, 21 crianças no Infantil IVa e 20 crianças no Infantil IVb. Contamos com um pátio de porte pequeno e um local amplo para a realização de eventos. Dentre os eventos realizados pela instituição estão as culminâncias de projetos, oficinas e palestras ministradas aos pais ou responsáveis pelas crianças. Falando especificamente da relação da disciplina artes e as crianças, podemos afirmar que elas participam das propostas apresentadas pelo educador. O nível de participação aumenta quando a aula propõe desafios que exploram sua capacidade criativa.

OBJETIVOS: Deslocamos a proposta de Jogos Corporais, apresentada por Angel Vianna, para a educação infantil, pois acreditamos que este fazer artístico permite que a criança marque, o espaço a sua volta, a partir de uma maneira própria de se mover. Uma exploração corporal que promove uma interação com a disciplina artes por meio de atividades que agucem a sua criatividade. Atendemos, assim, aos princípios estéticos apresentados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ao promover sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas. Nossas aulas de artes buscam uma exploração de movimentação corporal que aposta na relação corpo-corpo, corpo-espaço. A criança é

estimulada a vivenciar o espaço físico de diferentes maneiras, levando-nos a perceber que há diferentes espaços dentro de um mesmo espaço. De acordo com a Política Municipal de Educação Infantil do Município de Cabedelo: “Acredita-se que ambientes variados podem promover diferentes tipos de interações e que o professor tem o papel importante como organizador dos espaços onde ocorre o processo educacional.” (2014). Os Jogos Corporais permitem a (re)criação de novos espaços dentro de um mesmo espaço físico. Um pátio, por exemplo, pode se transformar em uma floresta, casa mal-assombrada, buraco do senhor rato, montanha do gigante, lagoa do sapo, castelo da feiticeira... A criança ao explorar estes “novos espaços” está experienciando seu corpo por meio de diferentes qualidades de movimentos: forte, fraco, sentado, estático, rápido, lento... Assim, como o espaço que podem ser (re)criado a cada instante, há diferentes corpos, dentro do nosso corpo. Ou seja, há diferentes maneiras de se movimentar. Temos como nosso objetivo geral, potencializar a exploração de movimentos corporais a partir de jogos que permitam uma investigação criativa na relação: corpo-corpo, corpo-espaço. Acreditamos que tal objetivo tenha sido alcançado, pois atualmente podemos observar as crianças sempre dispostas a participar das atividades. Percebemos, durante a aula, crianças do Infantil III correndo pelo pátio e fazendo movimentos amplos. Parece que o seu corpo diz: “já conheço esse espaço, posso brincar com ele.”

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Para atingir a competência geral agregamos as seguintes habilidades: desenvolver atividades físicas que permitam a criança executar diferentes qualidades de movimentos: forte, fraco, acelerado, desacelerado; dinamizar as áreas artísticas (artes visuais, música, dança e teatro) utilizando como tema transversal o movimento corporal; disponibilizar diversos materiais (tintas, músicas, papéis, lápis, pincéis, figurinos) para estimular diferentes movimentações corporais; utilizar a imaginação como um elemento potencializador no processo de investigação de movimentos corporais. Relacionamos estas habilidades em todas as turmas, porém alteramos o nível de complexidade dependendo da faixa etária das crianças. No objetivo de alcançar a competência e as habilidades, descritas acima, relacionamos os seguintes conteúdos curriculares: teatro de bonecos; jogos de imitação; jogos de aquecimento; exploração espacial; o corpo como pincel; (re)contação de histórias; música e movimento. Tais conteúdos foram explorados nas diversas atividades propostas aos grupos de criança.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: Quando iniciei este trabalho poucas crianças participavam. Elas não me conheciam e por isso ficavam observando as aulas. Neste momento havia crianças que, mesmo me conhecendo pouco, participavam da aula e respondiam aos estímulos corporais. A medida que eles foram me conhecendo se tornaram mais participativos. Digo para eles que um artista não apenas pinta ou desenha, o artista se movimenta. As nossas aulas de artes utiliza não apenas lápis, papeis e tintas. Utilizamos, também, o pátio e o corredor. Dançar criativamente com o espaço

a nossa volta: esse é o nosso objetivo. A gestora, recentemente, me falou que uma mãe perguntou a uma criança do Infantil IVa: "por que você gosta tanto dessas aulas?" A criança, se preparando para ir à creche, respondeu: "porque o professor brinca comigo." Quando passo próximo a sala do Infantil III algumas crianças pulam. Eles sabem que as aulas de artes não se resume a cores, telas... Artes se dá no corpo todo.

METODOLOGIA: Uma grande aliada das nossas aulas foi a imaginação. Ela nos possibilitou criar novos percursos, imitar diversos personagens, vivenciar diferentes espaços... O educador lançava o convite e as crianças viajavam por diferentes mundos, utilizando o seu corpo de diversas maneiras. A imaginação foi a "porta de entrada" para que a relação educador-criança se estabelecesse de forma afetiva. Agregamos outros elementos que serviam de estímulos para que a criança explorasse movimentações corporais. Cada aula relacionava um material ou uma indicação que norteava o nosso trabalho. O educador conduzia os exercícios utilizando a imaginação para estabelecer uma conexão entre a criança e a atividade. Nas aulas de exploração espacial, jogos de imaginação e jogos de aquecimento o educador interagia com as crianças a partir de indicações verbais e corporais. Os jogos de aquecimento serviam para preparar o corpo para a atividade física. Mexer os braços, cabeça, ombros, olhos, pernas, o corpo todo, correr, pular, baixar: exercícios que serviam de preparação para aulas que exigiam um determinado esforço físico. Além de preparar o corpo para a atividade física, os jogos de aquecimento serviam, também, de introdução, uma "carta-recepção", para que as crianças fossem gradativamente assumindo o seu lugar de participante do jogo. Quando essa conexão entre as crianças e educador se estabelecia e os corpos se encontravam aquecidos, o educador estimulava a exploração de diferentes qualidades de movimentos, por meio da imitação. Um personagem era escolhido, um gigante bastante pesado, por exemplo, e os alunos imaginavam ser aquele gigante. "Ele é bem pesado"; "pisa no chão com força"; "o gigante é muito grande"; "como é o rosto deste gigante?" - eram estímulos verbais que o educador utilizava durante as aulas. Nestes jogos de imitação, personagens com diferentes qualidades de movimentos eram explorados. Se o primeiro personagem imitado fosse um gigante, o segundo seria um rato. O rato, diferente do gigante, é leve, rápido e baixo. O corpo deveria estabelecer outro tipo de configuração motora para executar essa mudança. Quando as crianças estavam concentradas na imitação de determinado personagem, o educador lançava a pergunta: "qual o barulho que esse personagem faz?" As crianças estabeleciam uma relação do movimento com a voz, utilizando a produção sonora do seu corpo para auxiliar no processo de imitação do personagem. Dos jogos de imitação, começávamos a exploração espacial. Nesta etapa continuávamos com um personagem específico e criávamos um percurso para ele. O pátio se transformava em rio, floresta, casa do senhor rato... Este exercício nos permitia explorar diferentes níveis do espaço. Para colher uma fruta a criança deveria se esticar até alcançar o topo da árvore; para entrar na casa do senhor rato (embaixo de uma mesa), deveriam explorar o nível baixo; para beber água

do riacho, deveriam se agachar - nível médio. A exploração espacial nos levou a perceber que o pátio é preenchido de sons e que o nosso corpo é capaz de produzir diferentes tipos de sonoridades ao entrar em atrito com superfícies distintas: bater na porta pedindo para abri-la; fazer das mesas nossos instrumentos de percussão; formar uma banda de tocadores de bumbos. Neste último exemplo, o educador lançou o comando de que seria o maestro e a regra era tocar obedecendo aos comandos do maestro. A sua voz comandou o que seria executado pela banda. Músicas já conhecidas, pelas crianças, foram cantadas. Quando o maestro aumentava a intensidade da voz, os músicos entendiam que deviam bater no instrumento com mais força. Quando o maestro diminuía a intensidade vocal, os músicos também diminuía a força empregada na produção do som. O mesmo também ocorria se o maestro cantasse rápido ou lento. No Infantil IV, o nível de dificuldade foi aumentado, pois, dependendo da interação com o exercício, algumas crianças eram escolhidas para ocupar a função de maestro. Utilizamos, também, músicas infantis, tintas, teatro de bonecos e (re)contação de histórias para auxiliar no processo de investigação de movimentos. Conteúdos que foram trabalhados em todas as turmas, porém com variações na aplicação das aulas. Para o Infantil III o ritmo da aula era mais lento e o número de informações emitidas era menor em relação ao Infantil IV. A aula desta última turma agregava mais atividades, pois as crianças respondiam rápido aos estímulos. O Infantil III, por sua vez, precisava de mais tempo apreciando cada momento da atividade. É importante frisar que mesmo utilizando um material de artes visuais, por exemplo, (tintas) nosso objetivo principal não era desenvolver o conhecimento sobre as cores ou introduzir habilidades manuais. Nosso foco estava na exploração de movimentos corporais. Os conteúdos trabalhados foram estímulos para que os alunos pudessem se movimentar de diferentes maneiras, seja manipulando um boneco ou recontando a história que o professor contou ao interpretar um personagem.

RESULTADOS: Dentre as dificuldades encontradas está o cansaço físico no início da aplicação deste projeto. Sentia meu corpo bastante cansado quando terminava de ministrar as aulas. Utilizava exercícios que exigiam um alto esforço físico, pois trabalhava apenas com os jogos de aquecimento, imitação e exploração espacial. Descrevi meu cansaço na avaliação dos planos de aula. Ao analisar os escritos, fui aconselhado pela supervisão a variar as atividades para não me cansar tanto. Mas ainda pensava: “como irei trabalhar com artes visuais e música se minha formação é em teatro?” Refiz este meu pensamento ao perceber que poderia utilizar diferentes materiais mantendo como foco o movimento. Além disso, existem diferentes formas de se mover. A criança quando está manipulando um boneco, está desenvolvendo as articulações das mãos, a musculatura dos braços, a concentração, a imaginação. A partir desta constatação comecei a explorar diferentes materiais, porém mantendo como foco a exploração de movimentos corporais. Outro fator que me impulsionou a modificar o planejamento das aulas foram as crianças. Preparava uma aula para o Infantil III e elas

participavam bastante de todo o roteiro. Mas ao aplicar o mesmo plano no Infantil IV, notava que eles necessitavam de atividades com um nível de dificuldade mais alto. Percebi que estava utilizando como parâmetro, para o planejamento das aulas, apenas experiência com o Infantil III. Mas as crianças são diferentes, conseqüentemente os parâmetros deveriam ser diferenciados. Mantive os objetivos, mas aumentei o nível de dificuldade para o Infantil IV. Notei que elas, agora, estão mais concentradas nas aulas e menos dispersas. Por exemplo, quando conto uma história, peço para que a turma do Infantil IV reconte. As crianças se sentem desafiadas, pois terão que imitar a voz e o corpo do personagem, improvisar a história, encarar a plateia, se relacionar com os objetos cênicos, vestir o figurino. Percebo que quanto mais a aula for colorida, movimentada, desafiadora para sua faixa etária, mais as crianças se interessarão pelo que é sugerido pelo professor. Para isso tenho me dedicado a fim de que a minha prática não se acostume com um roteiro de atividades que as crianças já conhecem. A supervisão pedagógica me ajuda neste sentido, dando-me sugestões para melhorar as aulas, oferecendo atividades que estimulem a participação das crianças, ainda mais. Continuarei desenvolvendo o projeto a fim de aprofundar conhecimentos teórico-práticos sobre a relação: Jogos Corporais e educação infantil. O próximo passo será entrar em contato com outros educadores que desenvolvem este trabalho a fim de “trocar figurinhas”, ouvir novos relatos, deparar com diferentes realidades. Mais do que acumular experiências, aposto na reinvenção, no fazer e refazer a partir da relação afetiva que estabeleço com as crianças, com os colegas de trabalho e de pesquisa, com os livros.

CONCLUSÕES: Na proposta de Jogos Corporais, o educador é um estimulador, um participante da brincadeira. Durante a experiência destes jogos na educação infantil, percebi que a criança já brinca por si só. Certa vez entrei na sala do Infantil IV B e encontrei uma criança conversando sozinha enquanto “cozinhas” nas pequenas panelas de plásticos. Utilizei, então, a imaginação para direcionar a exploração do corpo/espço por meio do ato de brincar. Nas primeiras aulas poucas crianças participavam, a maioria apenas observava. Pouco tempo se passava e logo a maioria pulava, corria, rodopiava, imitava o sapo cururu... Percebi que as aulas de jogos corporais permitem que as crianças desfrutem o seu corpo de diferentes formas, contribuindo para a criatividade. Dois fatores são primordiais para que este processo se consolide: a participação e a disponibilidade. Quando as crianças aceitam o jogo que o educador está propondo logo se tornam participantes. À medida que a criança estabelece uma relação com o educador, conhecendo sua forma de trabalhar, desenvolve sua confiança sobre o profissional, tornando-se disponível para as propostas apresentadas.